



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**LAELSON RODRIGUES DE BRITO**

***SER-PARA-A-MORTE* COMO SER MAIS PRÓPRIO DO DASEIN NA OBRA  
*SER E TEMPO* DE MARTIN HEIDEGGER**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2018**

**LAELSON RODRIGUES DE BRITO**

***SER-PARA-A-MORTE* COMO O SER MAIS PRÓPRIO DO *DASEIN* NA OBRA  
*SER E TEMPO* DE HEIDEGGER**

Relatório de conclusão de curso  
Apresentado ao curso de Licenciatura em  
Filosofia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciatura em  
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cesar  
Kesting.

**CAMPINA GRANDE  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B862s Brito, Laelson Rodrigues de.  
Ser-para-a-morte como ser mais próprio do Dasein na obra Ser e tempo de Martin Heidegger [manuscrito] / Laelson Rodrigues de Brito. - 2018.  
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting.,  
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia alemã. 2. Fenomenologia. 3. Hermenêutica. 4.  
Hermenêutica do Dasein.

21. ed. CDD 193


LAELSON RODRIGUES DE BRITO


**SER-PARA-A-MORTE COMO O SER MAIS PRÓPRIO DO DASEIN NA OBRA  
SER E TEMPO DE HEIDEGGER**

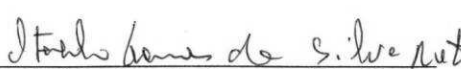
Relatório de conclusão de curso  
Apresentado ao curso de Licenciatura  
em Filosofia da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento  
à exigência para obtenção do grau de  
Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: 24/04/2016.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Otacilio Gomes da Silva Neto  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“O ser-para-a-morte é antecipação do poder-ser de um ente cujo modo de ser é, em si mesmo um antecipar.” Martin Heidegger.

## ***SER-PARA-A-MORTE COMO O SER MAIS PRÓPRIO DO DASEIN NA OBRA SER E TEMPO DE HEIDEGGER***

**RESUMO:** **Título do Projeto:** *Ser-para-a-morte* como o ser mais próprio do *Dasein* na obra *Ser e Tempo* de Heidegger. **Orientador:** Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, locado no Departamento de Filosofia, Campus I, da UEPB. **Orientando:** Laelson Rodrigues de Brito. **Resumo do Projeto:** Na nossa pesquisa objetivamos aprofundar nossa compreensão acerca do conceito *ser-para-a-morte* na obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. Nessa obra o pensador alemão apresenta um novo paradigma filosófico, a saber, a fenomenologia como hermenêutica do *Dasein* (pre-sença). Edmund Husserl, com suas *Investigações lógicas*, fundamentou a corrente filosófica chamada de fenomenologia. Com seu discípulo Heidegger, o movimento fenomenológico tomou um novo rumo, tornando-se pouco a pouco uma hermenêutica do *Dasein*. Em *Ser e Tempo* Heidegger recolocou a questão filosófica fundamental do ser que, segundo ele, na tradição filosófica do pensamento filosófico ocidental, caiu no esquecimento. O filósofo analisa as estruturas (existenciais) do ser do *Dasein*, ente que coloca (pergunta sobre) a questão do ser. Segundo o pensador alemão, no impessoal, o *Dasein* não toma a questão da morte (o limite da própria finitude) como própria. Segundo o projeto heideggeriano, o ser-para-a-morte (a propriedade do *Dasein*) é uma compreensão da morte como o poder-ser mais próprio de cada um, de cada pre-sença. A pre-sença compreende sua morte recuperando uma escolha existencial particular. Desta forma, a angústia mostra-se também como uma disposição fundamental da pre-sença: ela lança a pre-sença no seu poder-ser-no-mundo como possibilidade, como projetar-se (como projeto). No seu poder-ser, nas suas possibilidades a pre-sença torna sua existência uma existência livre. Na liberdade a pre-sença torna-se verdadeiramente própria. Tomando consciência do existencial *ser-para-a-morte*, a pre-sença redimensiona sua compreensão de vida no sentido de uma decisão existencial profunda.

**Palavras-chave:** Heidegger. *Dasein*. Ser-para-a-morte.

## ABSTRACT

**Project Title:** The concept of being-for-death in Martin Heidegger's *Being and Time*. Privacy Policy | Dr. Julio Cesar Kesting, located at the Department of Philosophy and Social Sciences, Campus I, UEPB. Project Summary: In our research we aim to deepen our understanding of the concept of being-for-death in Martin Heidegger's *Being and Time*. In this work the German thinker presents a new philosophical paradigm, namely, phenomenology as a hermeneutic of Dasein (pre-sence). Edmund Husserl, with his *Logical Investigations*, founded the philosophical current called phenomenology. With his disciple Heidegger, the phenomenological movement took a new turn, becoming little by little a hermeneutic of Dasein. In *Being and Time* Heidegger reinstated the fundamental philosophical question of the being which, according to him, in the philosophical tradition of Western philosophical thought, fell into oblivion. The philosopher analyzes the (existential) structures of the being of Dasein, which puts (question about) the question of being. According to the German thinker, in the impersonal, Dasein does not take the question of death (the limit of its own finitude) as its own. According to the Heideggerian project, being-to-death (the property of Dasein) is an understanding of death as the power-being of each person, of each presence. Presence understands his death by regaining a particular existential choice. In this way, anguish is also seen as a fundamental disposition of pre-sence: it throws presence into its being-in-the-world as a possibility, as projecting (as a project). In its power-being, in its possibilities the pre-existence makes its existence a free existence. In freedom the presence becomes truly its own. Becoming aware of the existential being-to-death, the presentiment redimensions his understanding of life in the sense of a profound existential decision.

Keywords: Heidegger. Dasein. Being-to-death

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2.OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>10</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>11</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>



## INTRODUÇÃO

Em 1927 Martin Heidegger (1889-1976) publicou a obra filosófica *Ser e Tempo* (*Sein und Zeit*), nela propunha um novo paradigma filosófico. Desde então a mesma passou a figurar como um marco histórico no pensamento filosófico ocidental. O filósofo alemão deixou-se orientar nas suas exposições pela questão do ser, do sentido do ser, questão metafísica fundamental presente na filosofia desde seus primórdios. Heidegger “considera seu próprio ponto de partida como [...] uma retomada do primeiro começo da filosofia ocidental, um reacender da velha e esquecida polêmica grega em torno do ‘ser’”. (GADAMER, 2014, p. 344). O método filosófico heideggeriano possui pretensão de validade transcendental, sendo que “a realização de seu programa acontece fenomenológica e existencial-antropologicamente”. (STEIN, 1988, p. 9). Heidegger procura, desta forma, superar as diferentes compreensões de ser da filosofia ocidental, indo até às raízes dessas concepções, apresentando uma hermenêutica do *Dasein* (pre- sença). Heidegger transforma a fenomenologia em uma hermenêutica da pre-sença.

O que está em questão é um fundamento completamente diferente, o único a possibilitar toda a compreensão do ser; é o próprio fato de que exista um ‘pré’ (‘da’), uma clareira no ser, isto é, a diferença entre ente e ser. A indagação que se orienta para esse fato básico de que ‘há’ tal coisa, pergunta na verdade pelo ser, mas numa direção que ficou necessariamente impensada em todos os questionamentos anteriores sobre o ser dos entes, e que inclusive foi encoberta velada pela própria indagação metafísica pelo ser. (GADAMER, 2014, p. 345).

A pergunta pelo ser no pensamento de Heidegger nos remete às filosofias antigas de Heráclito e Parmênides. Para os pré-socráticos não havia ainda as dicotomias no ser, como por exemplo, aquelas entre transcendência e imanência, permanência e devir, realidade e aparência; compreendia-se o ser a partir de sua raiz; existia, pois, na compreensão do ser uma unidade harmoniosa entre ser e devir. Em Platão, contudo, é possível perceber uma degeneração da questão fundamental: o descobrimento do sentido metafísico do ser (doutrina das ideias) promoveu o rompimento da harmonia original. O que se manifestava como permanência e devir, como ausência e presença, passou em Platão a constituir duas realidades diferentes: o visível e o invisível, o corruptível e o incorruptível, o ser mundano e o ser verdadeiro. Sendo assim, as condições para todas as formas posteriores de pensar foram criadas, o que resultou sempre na objetivação do mundo “e, por consequência, na instauração da estrutura técnico-científica, que prevalece na modernidade”. (HERMANN, 2002, p. 33). Para Heidegger, todas as ontologias apresentadas de Platão em diante se aproximam do ser

como objeto, ou seja, consideram, na verdade, o ente como o ser. Sendo assim, a crítica heideggeriana à metafísica tradicional conduz, finalmente, à constatação da necessidade de se desenvolver uma *Ontologia fundamental*, na qual possa ser (devidamente) recolocada a questão do ser, e isso acontecerá a partir da diferença ontológica entre ser e ente.

Heidegger pensa o ser num modo além da metafísica tradicional, por isso a compreensão não é uma operação oposta à vida constituinte, senão é o próprio modo original da vida humana. O ser não está onde possamos identificar uma essência e, portanto, conhecê-lo conceitualmente. A determinação não esgota o ser, porque as possibilidades de determinação são infinitas. O ser se encontra onde o que acontece pode ser compreendido. (HERMANN, 2002, p. 34).

Sendo assim, com Heidegger, a ontologia, na qual o ser é a questão fundamental, possui uma relação direta com a hermenêutica da pre-sença. A ontologia fundamental possibilita, assim, a compreensão dos diversos existenciais ou modos de existir, os quais estão na base da compreensão do ser que o *Dasein* realiza e no fundamento da compreensão própria deste ente, pois, na compreensão das próprias possibilidades de ser o *Dasein* organiza seu ser-no-mundo.

A reflexão crítica deve ser uma das atitudes essenciais de quem filosofa; é nesse sentido que devemos também repensar o fenômeno da morte a partir da nossa própria existência. Ao relacionarmos reflexão crítica e finalidade existencial podemos dizer que temos muito que aprender com a filosofia de Heidegger.

Para o filósofo alemão, o ser-para-a-morte (*Sein zum Tode*) é uma expressão que abarca qualquer atitude que se possa ter em relação para com a própria morte, seja ela, pois, imprópria (por exemplo, negar, esquecer, temer, insistir em falar, suicidar-se, etc.) ou própria. Neste sentido, o que realmente importa quando abordamos a questão do ser-para-a-morte não é o deixar de viver físico, mas a posição que se toma em relação à própria morte durante a vida.

As metas que objetivamos alcançar com nossa pesquisa são as seguintes: A partir do estudo da obra *Ser e Tempo* de Heidegger aprofundar os conhecimentos relacionados à questão do conceito *ser-para-a-morte* e às temáticas afins. Tentar relacionar, neste sentido, ao objeto principal de pesquisa, outras temáticas fundamentais da filosofia heideggeriana como: 1) o sentido do ser; 2) o *Dasein* como o ente que compreende o ser e, assim, compreende-se a si mesmo; 3) a compreensão como forma originária da pre-sença no seu ser-no-mundo; 4) o caráter temporal e histórico da pre-sença; 5) a angústia como disposição fundamental do *Dasein*; 6) o ser-para-a-morte como a possibilidade mais própria da pre-sença.

O objeto de estudo de nossa pesquisa desempenha um papel fundamental na compreensão e interpretação da obra heideggeriana *Ser e Tempo*, um dos textos filosóficos que revolucionou profundamente o pensamento do século XX (Cf. STEIN, 1988, p. 13) e que é julgado como um dos mais belos livros da história da filosofia (Cf. LÉVINAS, 1988, p. 29). Quanto à temática do *ser-para-a-morte*, ela se mostra muito atual numa época de massificação e urbanização, de vida pública agitada como a nossa, de nebulosidade e opacidade causada pelo mundo virtual. Neste sentido, percebemos clara e assustadoramente que cresce o número dos *ninguéns*: existem máscaras, mas não há nada por trás delas, nenhum si mesmo. Logo poderíamos afirmar: “Todo mundo é outro e ninguém é si próprio”. (HEIDEGGER, 2002, p. 181). As reflexões heideggerianas sobre a morte ajudam-nos a superar uma visão desvirtuada dos fatos humanos que acontecem dia a dia ao nosso redor, ajudando a redescobrir o verdadeiro espírito crítico- filosófico. E isso possui validade tanto no nosso ser-com-os-outros como no nosso ser- com-os-utensílios: “o *Dasein* imediata e geralmente não está consigo mesmo, mas lá fora com suas ocupações e com os outros”. (SAFRANSKI, 2005, p. 203). Levando em consideração, também, aquilo que Heidegger afirmou na disputa com Ernst Cassirer (1874-1945) no ano de 1919 em Davos, ou seja, que “o ser humano existe somente em bem poucos momentos no ápice de sua própria possibilidade” (HEIDEGGER, 1991, p.290), a pesquisa acerca do conceito *ser-para-a-morte* pode despertar nossa atenção para a pobreza do pensar em nossos dias atuais. Sufocados pelo domínio da tradição, perdemos a faculdade de interrogar e escolher com responsabilidade por si mesmos: “Todo mundo sabe de que se trata e esta compreensão mediana e medíocre nos basta. Ninguém se dá ao trabalho de observar as próprias coisas, de verificar, por si mesmo, nas ‘fontes’, o sentido original das palavras e das proposições recebidas da tradição, de pôr em questão a autenticidade da interpretação tradicional dos fenômenos”. (MACDOWELL, 1993, p. 174).

## OBJETIVOS

### Objetivo geral

Através da pesquisa, aprofundar os conhecimentos relacionados à problemática filosófica do conceito *ser-para-a-morte* como o ser mais próprio do *Dasein* na obra *Ser e Tempo* de Heidegger.

### Objetivos específicos

- Averiguar como Heidegger situa na sua obra *Ser e Tempo* a questão da Ontologia fundamental, do sentido do ser.
- Clarificar a questão do sentido do ser que somente pode proceder do único ente que compreende o ser – o *Dasein*.
- Entender como o pensamento filosófico heideggeriano se coloca como uma opção fecunda às dicotomias da metafísica tradicional (corpo-alma, essência-aparência, sujeito-objeto) e como ela excede a unilateralidade da polêmica entre ciências da natureza e ciências do espírito a partir da hermenêutica do *Dasein*.
- Posicionar a questão da compreensão (*Verstehen*) como forma originária de realização da pre-sença (que é ser-no-mundo), relacionando-a ao poder-ser ou as possibilidades (ao projetar-se) do *Dasein*.
- Entender, como é evidenciada por Heidegger no título da obra *Ser e Tempo*, a relação entre o caráter temporal e histórico do ser do *Dasein*.
- Aprofundar a questão da *disposição fundamental* da própria pre-sença como ser-no-mundo (angústia) relacionando-a com o tempo nos modos da propriedade (autenticidade) ou da improriedade (inautenticidade).
- A partir dos modos da propriedade e improriedade do *Dasein* no seu ser-no-mundo aprofundar-se na temática do ser-para-a-morte como a possibilidade ontológica particular ou a possibilidade mais própria da pre-sença. Ou seja, entender como a morte faz com que cada um compreenda-se a si mesmo por inteiro e faz com que cada um assuma todo o peso da existência a partir do isolamento existencial.

## **METODOLOGIA**

Abordagem filosófica: O conceito *ser-para-a-morte* como o ser mais próprio do *Dasein* na obra *Ser e Tempo* de Heidegger.

Tipo de pesquisa: bibliográfica com caráter interpretativo, visando à compreensão do pensamento filosófico de Heidegger sobre o ser-para-a-morte, mediante uma investigação que favoreça uma identificação distinta da abordagem.

Instrumento de pesquisa: fichamentos, resumos e resenhas.

Procedimentos de análise: qualitativa, pela identificação dos principais conceitos da filosofia heideggeriana.

## **Resultados**

### **A questão da ontologia fundamental**

Em sua obra *Ser e Tempo* Martin Heidegger recoloca a questão fundamental do ser que, segundo o pensador alemão, a tradição do pensamento filosófico ocidental deixou cair no esquecimento; põe, assim, no primeiro plano das discussões filosóficas a questão do sentido do ser ou do sentido da existência humana no palco do mundo. É mister termos em mente que o objetivo principal da obra heideggeriana não tem nada a ver com uma questão existencialista, ainda que a questão do ser roça a dimensão existencial. Para Heidegger a questão do ser é por excelência aquela que caracteriza fundamentalmente todo ato de filosofar. Safranski, ao comentar o resgate da questão ontológica, afirma que Heidegger no prólogo de sua obra principal manifesta um duplo descontentamento em relação ao esquecimento da questão do ser: esquecemos o que seria ser e, da mesma forma, esquecemos esse esquecer. Trata-se, pois, “de renovar a indagação pelo sentido do ser”; mas como esquecemos o esquecer, “trata-se sobretudo de despertar de novo a compreensão para o sentido dessa pergunta”. (SAFRANSKI, 2005, p.188).

A questão do sentido ser é a questão filosófica basilar frente a qual nos deparamos e que suscita urgentemente respostas. Heidegger apercebe que tal questão tornou-se na contemporaneidade até mesmo supérflua; mas isso também não foi diferente no decorrer de toda a história do pensamento filosófico ocidental. Já desde a época antiga o questionamento pelo sentido do ser foi se transformando cada vez mais numa questão meridiana, sendo pouco a pouco lançada à mais completa trivialidade. Heidegger identifica “muitas distorções e ‘recauchutagens’” (HEIDEGGER, 2002, p. 27) nas ontologias posteriores aquelas de Platão e

Aristóteles, persistentes até a lógica de Hegel. Os preconceitos se mantiveram inerentes a cada ontologia que se referia à questão. Que tipos de preconceitos são esses? Defrontamo-nos, aqui, com três concepções básicas em relação ao ser presentes na história da filosofia: (1) O ser é o conceito mais universal; (2) O conceito de ser é indefinível; (3) O ser é um conceito evidente por si mesmo. Para o filósofo, esses preconceitos levaram constantemente a plantar e alimentar “a dispensa de um questionamento do ser” (HEIDEGGER, 2002, p. 28); mas, ao analisarmos acuradamente esses preconceitos, eles deixam transparecer também a necessidade de se atualizar, ou seja, de se colocar novamente a questão do sentido do ser nos dias atuais.

O primeiro preconceito tem a ver pois, com a seguinte asserção: *Ser é o conceito mais universal*. A universalidade do ser não é aquela do gênero, ela não delimita a região suprema do ente. A universalidade referente ao ser é uma universalidade transcendental e se encontra acima de toda delimitação de regiões supremas. Observando com mais cuidado, é o próprio ser que condiciona essas delimitações. É nesse sentido que a ontologia medieval irá denominar o ser de *transcendens*. Assim, posta além de toda limitação genérica, a universalidade do ser abrange a totalidade dos entes. Mas torna-se evidente que, mesmo com essa evocação transcendental, o conceito de ser não é o mais transparente; ele é, ao contrário, o mais obscuro e, justamente por esta razão, necessitamos urgentemente de um esclarecimento a seu respeito.

O segundo preconceito tem sua base consequencial no anterior; diz que *O conceito de ser é indefinível*. Já que o ser possui uma universalidade máxima que está sempre além de toda delimitação, assim ele se torna indefinível. Tentar conceber o ser dentro de determinados limites seria defini-lo como ente; mas o ser não pode ser delimitado como ente nem ser derivado a partir da definição de conceitos superiores e inferiores. Heidegger esclarece a questão recorrendo a seguinte afirmação de Pascal: “Não se pode tentar definir o ser sem cair no seguinte absurdo: pois não se pode definir uma palavra sem começar por – é –, quer se a exprima, quer se a subentenda. Portanto, para definir o ser seria preciso dizer é, e assim, empregar a palavra definida na definição”. (HEIDEGGER, 2002, p. 29, nota 5). Percebemos, assim, que a impossibilidade de definição do ser não dispensa a questão; muito pelo contrário, ela reforça ainda mais a necessidade premente de retomá-la.

O terceiro preconceito pode ser resumido na seguinte asserção: *O ser é um conceito evidente por si mesmo*. Assim, por exemplo, quando dizemos *A blusa é branca* todos nós compreendemos o que significa o *é*, ou seja, o ser. A compreensão do ser é dada *a priori* em tudo aquilo que fazemos, falamos ou conhecemos; o ser se nos apresenta no uso cotidiano de uma maneira tão evidente o que levaria a dispensarmos uma abordagem mais precisa sobre o

mesmo. Mas, segundo Heidegger, “essa compreensão comum demonstra apenas a incompreensão”. (HEIDEGGER, 2002, p. 29). O fato de termos uma compreensão comum do ser e do seu sentido demonstra a obscuridade conceitual que temos dele; ele parece estar tão perto de nós, mas na verdade sua compreensão está distante. Desta forma, essa concepção de evidência do ser não dispensa de forma alguma a questão; ela demonstra, ao contrário, quão obscura é a evidência comum do ser.

Cada modo de preconceito revela a necessidade de recolocar novamente no centro da investigação filosófica a questão do ser. Essa necessidade surge a partir da constatação que até a contemporaneidade a questão continua sem respostas convincentes. Todas as tentativas de solucionar tal problemática durante o passar dos séculos na tradição do pensamento ocidental permaneceram sem resultados convincentes. Por motivo desse fracasso, o questionamento sobre o ser caiu pouco a pouco no esquecimento ou foi abandonado de vez. Mas para Heidegger, isso somente ratifica a necessidade de se recolocar a questão do ser. E esse é exatamente o objetivo principal que o filósofo persegue nas exposições de sua obra *Ser e Tempo*.

### **A analítica do Dasein**

Para Heidegger, a elucidação da questão do sentido do ser pressupõe a análise do ente dotado do modo de ser do *Dasein* (pre-sença). A analítica do *Dasein* surge como o horizonte no qual é possibilitada a questão do ser, ela é o elemento metodológico necessário à mesma. Vejamos como o filósofo expõe a problemática, relacionando-a, por fim, a temática do ser-para-a-morte própria de nossa pesquisa.

Se por um lado podemos caracterizar a pergunta pelo ser como “a mais universal e a mais vazia” (HEIDEGGER, 2002, p. 70), por outro lado podemos considerá-la como a mais real, a mais concreta de todas já que a mesma tem relação direta com a existência particular de cada ser humano. Assim entendemos a relação principal efetuada por Heidegger entre o ser e a analítica do *Dasein*. O ente que põe a questão do ser na sua concretude, que é caracterizado pela sua relação com o ser é o *Dasein*.<sup>1</sup> O *Dasein* ou a pre-sença é o ente que “se

---

<sup>1</sup> Conforme Dubois (2005, p. 17), o *Dasein* aparece “como o respondedor necessário da questão do ser. O *Dasein* é o ente a quem o ser diz respeito. [...] o *Dasein* é e não é o homem. Ele não é: o *Dasein* permite reduzir todas as definições tradicionais do homem, animal racional, corpo-e-alma, sujeito, consciência, e questioná-las a partir deste traço primordial, a relação com o ser. Ele o é: o *Dasein* não é ‘outra coisa’ senão o homem, um outro ente, trata-se de nós mesmos, mas nós mesmos pensados a partir da relação com o ser, isto é, com nosso ser próprio, com o das coisas e dos outros. *Dasein* diz a humanidade do homem como relação com o ser”. Para Inwood (2002, p. 30), o termo “*Dasein* unifica o homem, evitando a tradicional tripartição em corpo, alma (*Seele*, o princípio da vida) e espírito (*Geist*, o princípio intelectual)”.

distingue pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, *estar em jogo* seu próprio ser”. (HEIDEGGER, 2002, p. 38). Apenas o *Dasein* tem acesso à compreensão do ser, apenas ele questiona sobre seu próprio ser. “A clarificação desta questão (questão do ser) somente pode do recurso ao único ente que compreende o ser – o homem, o estar-aí (*Dasein*)”. (STEIN, 1988, p. 13). Diferentemente dos demais entes, o ser humano possui uma relação essencial com o seu próprio ser: nele está em jogo o seu próprio ser. Assim, o *Dasein* torna-se objeto de interpretação no seu ser; enquanto ele interpreta-se a si mesmo, compreende o seu ser. A analítica do *Dasein* esclarece o ser daquele ente ao qual a questão do ser tem a ver. Como Heidegger mesmo diz, “Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – o que questiona – em seu ser. Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo pre-sença”. (HEIDEGGER, 2002, p. 33).

Comprendemos, assim, que a analítica do *Dasein* expõe o próprio *Dasein* em seu ser. E já que a afinidade do *Dasein* com o ser se realiza através de um processo de compreensão, assim podemos falar aqui de uma *hermenêutica do Dasein*. Heidegger transforma a fenomenologia em uma hermenêutica da pre-sença. Neste sentido afirma Stein (1988, p. 50): “Como ponto de partida não há mais uma substância, nem um ente necessário, nem o *cogito* cartesiano, nem a filosofia transcendental, nem a filosofia especulativa, nem a fenomenologia da consciência, mas a *hermenêutica do estar-aí*”, isto é, a *hermenêutica do Dasein*. Ao utilizar o princípio hermenêutico Heidegger se aproxima do ser no modo de compreensão. A pre-sença relaciona-se com o ser através da compreensão e, assim, compreende-se. A compreensão pertence ao modo de ser do *Dasein*. E isso acontece para Heidegger, antes de tudo, sem possuir a forma temática, reflexiva, ou seja, pré-ontologicamente. “A compreensão do ser é em si mesma uma determinação do ser da pre-sença. O privilégio ôntico que distingue a pre-sença está em ser ela ontológica”. (HEIDEGGER, 2002, p. 38).

Para Heidegger, a vida do *Dasein* no mundo acontece como processo de compreensão. Existe, pois, uma *pressão* atemática à compreensão exercida na vida de cada ser humano. A filosofia realiza e tematiza aquilo que o *Dasein* já efetua a-tematicamente como compreensão do ser. Desta forma, “A questão do ser não é senão a radicalização de uma tendência ontológica essencial, própria da pre-sença, a saber, da compreensão pré-ontológica do ser”. (HEIDEGGER, 2002, p. 41). Se tomarmos um livro, por exemplo, relacionando-o à questão da compreensão do ser, percebemos logo que aqui não existe uma relação fundamental com o ser.



O livro, ainda que seja (é), não possui nenhuma relação privilegiada de compreensão ontológica. Com o *Dasein*, ao contrário, o comportar-se com o ser como compreensão é determinante. Heidegger chama o ser que cada um é pressionado a compreender e se relacionar de *existência*. “A essência da pre-sença está em sua existência”. (HEIDEGGER, 2002, p. 77). A existência é, pois, em contraposição aos *entes-simplismente-dados*, como pedras, árvores, livros, por exemplo, o modo de ser do *Dasein* que se compreende.<sup>2</sup> Desta forma, a analítica do *Dasein* encerra em si também o modo como a pre-sença se comporta com as próprias possibilidades na sua existência.

Chamamos de *existência* ao próprio ser com o qual a presença pode se comportar dessa ou daquela maneira e com o qual ele sempre se comporta de alguma maneira. Como a determinação essencial desse ente não pode ser efetuada mediante a indicação de um conteúdo quiditativo, já que sua essência reside ao contrário, no fato de dever sempre assumir o próprio ser como seu, escolheu-se o termo presença para designá-lo enquanto pura expressão do ser. (HEIDEGGER, 2002, p. 39).

É mister recordarmos aqui que para Heidegger cada pre-sença é sempre também, além das próprias possibilidade, uma pre-sença histórica. Cada pre-sença possui e compõe a sua própria história, cada uma deixa no seu existir pegadas históricas individuais; mas cada história tem a ver também com o próprio futuro, com suas próprias possibilidades.

A pre-sença ‘é’ o seu passado no modo de *seu* ser, o que significa, a grosso modo, que ela sempre ‘acontece’ a partir do seu futuro. Em cada um de seus modos de ser e, por conseguinte, também em sua compreensão do ser, a pre-sença sempre já nasceu e cresceu dentro de uma interpretação de si mesma, herdada da tradição. De certo modo e em certa medida, a pre-sença se compreende a si mesma de imediato a partir da tradição. Essa compreensão lhe abre e regula as possibilidades de seu ser. Seu próprio passado, e isso diz sempre o passado de sua ‘geração’, não segue mas precede a pre-sença, antecipando-lhe passos. (HEIDEGGER, 2002, p. 48).

Para Heidegger, a pre-sença que cada um é, é sempre a *minha* própria pre-sença: “O ser deste ente é sempre e cada vez meu ser”. (HEIDEGGER, 2002, p. 77). O *ser-meu* de cada pre-sença não deve ser compreendido como relação de posse; ele salienta muito mais a necessária relação de cada pre-sença com seu ser no processo de compreensão do ser. A pre-sença, “sendo [...] se comporta com o seu ser”. (HEIDEGGER, 2002, p. 77). Disso resulta que

---

<sup>2</sup> Pedras, árvores, livros são, segundo Heidegger, *entes-simplismente-dados* à mão dentro do mundo; o *Dasein* também está à mão no mundo, mas não única e primordialmente do modo como as pedras, as árvores e os livros estão, pois elas são sem mundo, a pre-sença não. “O conceito de facticidade abriga em si o ser-no-mundo de um ente ‘intramundano’, de maneira que este ente possa ser compreendido como algo que, em seu ‘destino’, está ligado ao ser daquele ente que lhe vem ao encontro dentro de seu próprio mundo”. (HEIDEGGER, 2002, p. 94).

a pre-sença na compreensão de seu próprio ser está sujeita a interpretações corretas, próprias ou errôneas, impróprias. Assim, a pre-sença pode *escolher-se* – ganhar-se ou perder-se. Sendo a pre-sença “essencialmente duas possibilidades [...] ela pode em seu ser, isto é, sendo, ‘escolher-se’, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se ‘aparentemente’”. (HEIDEGGER, 2002, p. 78). Segundo Inwood (2002, p. 147), Heidegger muda aqui “a tradicional e aristotélica ordem de prioridade entre as ‘modalidades’”, pois “Mais elevada que a *realidade* está a *possibilidade*”. (HEIDEGGER, 2002, p. 69). Podemos perguntar então: Será que a pre-sença nas suas escolhas do dia a dia sempre leva em consideração a primazia da questão do ser? Conforme Heidegger, existem dois modos de possibilidades com as quais a pre-sença pode assumir em relação à questão do ser: uma possibilidade autêntica, própria e uma possibilidade inautêntica, imprópria de ser. Sendo possibilidade ela pode assumir o modo de ser da inautenticidade, da impropriedade ou da autenticidade, da propriedade. A pre-sença “é sempre uma possibilidade própria, ou seja, é chamada a apropriar-se de si mesma. Os dois modos de ser *propriedade* e *impropriedade* [...] fundam-se no fato da pre-sença ser determinada pelo caráter de ter de ser sempre minha”. (HEIDEGGER 2002, p. 78).

Como podemos notar, a ontologia fundamental possibilita, assim, a compreensão dos diversos existenciais<sup>3</sup> ou modos de existir, os quais estão na base da compreensão do ser que o *Dasein* realiza e no fundamento da compreensão própria deste ente, pois, na compreensão das próprias possibilidades de ser o *Dasein* organiza seu ser-no-mundo. Entretanto, mesmo que a pre-sença compreenda a si nas próprias possibilidades de sua existência, ela desvia-se, segundo Heidegger, quase sempre da compreensão de si como um ser para um fim, como um ser-para-a-morte. Distancia-se, neste sentido, da sua possibilidade mais própria, ou seja, da *sua* morte.<sup>4</sup> A questão da morte torna-se, na maioria das vezes, uma questão *mediana*. Assim, pensamos que são os outros que morrem, morre-se. A morte passa a ser assunto de todos e, conseqüentemente, de ninguém. Sendo assim, a pre-sença comporta-se com seu próprio ser, na maioria das vezes, no *modo de ser indiferente ante a própria morte*. Tem-se uma

---

<sup>3</sup> Para Aristóteles, as categorias (substância, quantidade, qualidade, tempo, espaço...) poderiam ser aplicadas a todos os entes; para Heidegger, por sua vez, como vimos, a pre-sença existe de um modo diferente dos outros entes, dos entes-simplesmente dados; assim diferencia as características essenciais da pre-sença chamando-as não de categorias, mas de existenciais. Os existenciais, pois, nos remetem às estruturas próprias da pre-sença a partir de sua existência: “Denominamos os caracteres ontológicos da pre-sença de *existenciais* porque eles se determinam a partir da existencialidade. Eles devem ser nitidamente diferenciados das determinações ontológicas dos entes que não tem o modo de ser da pre-sença, os quais chamamos de *categorias*”. (HEIDEGGER, 2002, p. 80).

<sup>4</sup> “Somente compreendendo a possibilidade da morte como possibilidade da existência e somente assumindo essa possibilidade com decisão antecipadora é que o homem encontra o seu ser autêntico” (REALE/ANTISERI, 1991, p. 587).

compreensão *impessoal* da morte. A pre-sença pensa como todos pensam, age como todos agem. Ela evita, desta forma, o sentimento da *angústia* que a invade quando pensa sobre a própria morte como possibilidade mais própria de sua vida. Relacionando diretamente compreensão, angústia e morte diz Heidegger (1991, p. 290): “o ser humano existe somente em bem poucos momentos no ápice de sua própria possibilidade”. Mas a angústia diante do ser é hoje tão grande quanto sempre; e a prova disso é o gigantesco aparato que encontramos ao nosso redor para ocultar esta angústia.

## O impessoal<sup>5</sup>

Tentaremos agora dar uma resposta à questão do ‘*quem*’ do Dasein, questão essa que está relacionada ao modo de ser da cotidianidade do mesmo, ou seja, ela tem a ver com um “modo de ser [da pre-sença] que se empenha no mundo”. (HEIDEGGER, 2002,

p. 164). Segundo Heidegger, o modo mais aproximativo e cotidiano de responder a questão do ‘*quem*’ da pre-sença é aquele do impessoal.

O homem de início e de ordinário, decai do seu ser próprio e autêntico, alienando-se no mundo. Ele não se entende a partir de suas possibilidades próprias de ser, antes projeta-se a partir do ente intramundano e das possibilidades, que este lhe oferece. Essa inclinação ao decaimento, a não ser ele mesmo, representa um dos traços fundamentais do ser humano, ao lado da compreensão do ser, da finitude fática e da expressividade. (MACDOWELL, 1993, p. 174-175).

*Das Man* ou o impessoal é, segundo Heidegger, o modo que ontologicamente está mais próximo, o modo mais cotidiano de responder a questão do ‘*quem*’ da presença e, por isso, também, conseqüentemente, o mais deficiente. Ele é, sem sombra de dúvida, um modo de compreensão do *Dasein*, mas profundamente caracterizado por aquilo que o filósofo chama de espaçamento, de medianidade e de nivelamento, isto é, três diferentes modos de *de-cadência*.<sup>6</sup> Com estes a pre-sença tende normalmente a identificar-se, colocando-os em prática. Quanto ao espaçamento, por exemplo, podemos dizer o seguinte: Uma diferença que tenho com uma outra pessoa me causa insatisfação; a partir dela poderei tentar diminuí-la ou

---

<sup>5</sup> O termo *impessoal* traduz o termo alemão *das Man* utilizado por Heidegger em *Ser e Tempo*.

<sup>6</sup> Veja neste sentido aquilo que Heidegger fala sobre o termo *de-cadência* em *Ser e Tempo*: Com esse termo ele não pretende exprimir nenhuma “avaliação negativa. [Ele] Pretende apenas indicar que, em primeira aproximação e na maioria parte das vezes a pre-sença está *junto* e no mundo das ocupações. Este empenhar-se e estar junto... possui frequentemente o caráter de perder-se na public-idade do impessoal. Por si mesma, em seu próprio perder-se ela própria mais autêntica, a pre-sença já sempre caiu de si mesma e decaiu no mundo. Decair no mundo indica o empenho na convivência, na medida em que esta é conduzida pelo falatório, curiosidade e ambigüidade”. (HEIDEGGER, 2002, p. 236-237).

determinar um lugar para a mesma ou ainda exercer um domínio sobre ela; mas, em nossa ocupação no mundo ao nosso redor são sempre os outros que nos vem ao encontro naquilo que são, estabelecendo a silhueta daquilo que devemos ser. Disso decorre que

[...] nos divertimos e nos entretemos como *impessoalmente* se faz, lemos, vemos e julgamos sobre literatura e a arte como *impessoalmente* se vê e se julga; também nos retiramos das ‘grandes multidões’ como *impessoalmente* se retira; achamos ‘revoltante’ o que *impessoalmente* se considera revoltante. (HEIDEGGER, 2002, p. 179).

Esse horizonte de compreensão medíocre não apenas se impõe à pre-sença, mas reduz tudo aquilo que lhe ultrapassaria ou excederia. Trata-se, pois, de uma tendência a mediocridade ativa que em tudo nivela.

Essa medianidade, designando previamente o que se pode e se deve ousar, vigia e controla toda e qualquer exceção que venha a impor-se. Toda primazia é silenciosamente esmagada. Tudo que é originário se vê, da noite para o dia, nivelado como algo de há muito conhecido. O que se conquista com muita luta, torna-se banal. Todo segredo perde sua força. O cuidado da medianidade desentranha também uma tendência essencial da pre-sença, que chamaremos de *nivelamento* de todas as possibilidades do ser. (HEIDEGGER, 2002, p. 180).

Esse modo de ser compõe também aquilo que chamamos de âmbito público. Aqui a pre-sença não se esforça alcançar um nível de compreensão superior ou mais profundo na origem e no sentido das coisas. Assim, a publicidade “rege, já desde sempre, toda e qualquer interpretação da pre-sença e do mundo, tendo razão em tudo [...] visto ser insensível e contra todas as diferenças de nível e autenticidade”. (HEIDEGGER, 2002, p. 180). O impessoal presente na publicidade, torna o *Dasein* profundamente impróprio e não um ser próprio, singular, *único*.

Heidegger identifica também o impessoal como o mundo do falatório. No falatório detectamos superficialidade e descompromisso da pre-sença sobre tudo aquilo que *se* fala; nele se forma a grande e ruidosa rede da repetição, à qual cada pre-sença se abandona. O falatório remete por si mesmo à curiosidade; a pre-sença se distrai, o mundo transforma-se numa *televisão*. Desta forma, tudo se torna ambíguo, tudo é visto e sabido, e de longa data, e finalmente tudo é nada. (Cf. DUBOIS, 2004, p. 40). Percebemos que no falatório ninguém vive mais a partir de suas próprias possibilidades, mas todo mundo vive como todo mundo. Como consequência disso, o impessoal passa a prescrever a cada pre-sença todo julgamento e decisão, ocasionando desinteresse e irresponsabilidade por parte do *Dasein* aos assuntos de sua existência que mais lhe deveriam engajar ou comprometer:

[...] o impessoal leva embora as escolhas do Dasein e sua responsabilidade pelo que faz e acredita. Não sou eu que decido [...] usar roupas em público. Nem alguém em particular decide tudo isto. Ninguém o faz. É apenas o que se pensa e se faz, o que o impessoal pensa e faz”. (INWOOD, 2002, p. 97).

Ao refletirmos com mais atenção sobre o impessoal, podemos perceber que ele possui um caráter duplo, externando dessa forma, por um lado, um efeito positivo e, por outro, um efeito negativo. A positividade que a pre-sença vivencia no impessoal tem a ver com o alívio quanto à tensão reflexiva que é exigida da pre-sença na compreensão do ser; mas esse alívio também pode ser visto como uma espécie de anonimato vivido pelo *Dasein* frente a exigência da compreensão do sentido do ser: “o impessoal desincumbe o Dasein de ser ele mesmo propriamente, e o agrada ao tirar-lhe o peso”. (DUBOIS, 2004, 34). Desta forma, o alívio proporcionado à pre-sença pelo impessoal lhe causa mais danos do que propriamente benefícios e pode levar a mesma à perdição na categoria dos ‘ninguéns’:

Esses *ninguéns* encenam uma peça espectral no palco de Heidegger. São máscaras, mas não há nada por trás delas. Nenhum si mesmo. Onde ficou o si mesmo? Improriedade é um estado de afastamento, de separação, de estranhamento do mesmo próprio? O verdadeiro si mesmo aguarda em nós e atrás dos bastidores, para finalmente voltar a ser realizado (*verwirklicht*)? Não, diz Heidegger. A improriedade seria a forma *original* de nosso Dasein, e não apenas no sentido do (onticamente) habitual, mas também do ontológico. Pois a improriedade é um existencial como o ser-em (*In-sein*). (SAFRANSKI, 2005, p. 2003).

Como bem expressa Safranski no seu texto, o impessoal é o ‘quem’ primário, original da pre-sença. Para Heidegger, o impessoal é um existencial do *Dasein* e por isso “*pertence a constituição positiva da pre-sença*”. (HEIDEGGER, 2002, p. 182). Desta forma podemos dizer que o *das Man* ou o impessoal tem a ver com uma primeira compreensão da pre-sença no mundo, tornando-se, assim, a forma básica de toda outra interpretação do ser. Segundo Vattimo (1989, p. 46-47) na análise que Heidegger faz do fenômeno “não lhe interessa estabelecer qual é o ‘melhor’ modo”, dando com isso ao mesmo uma valência moral; mas “só lhe interessa estabelecer qual é o modo originário de que depende do outro. E esse modo originário, que torna possível pelo menos o originário, é o projeto decidido da existência autêntica”. Dubois (2004, p. 41) identifica aqui “a caverna heideggeriana, tentadora e tranquilizante” e que afasta toda pre-sença de sua verdadeira vocação existencial, ou seja, de ser próprio e único no mundo. E conclui: “Decadência, ritmo de uma vida despojada: seria esta, portanto, a minha vida?”.

Heidegger desenvolve em *Ser e Tempo* a questão da morte como a possibilidade mais própria da pre-sença. Cada *Dasein* encontra na morte o sentido mais próprio, o sentido mais

verdadeiro da existência. No seu ser-no-mundo a existência humana atinge na consciência de *ser-para-a-morte* o seu sentido mais profundo. O existencial *ser-para-a-morte* está relacionado a uma possibilidade ontológica singular. A *antecipação* da morte faz com que nenhuma possibilidade que a vida apresenta a cada *Dasein* seja definitiva. Desta forma, o projeto que cada pre-sença, que cada um deve realizar no seu ser-no-mundo não se petrifica. O *Dasein* projeta-se em uma ou outra possibilidade, seja própria (autêntica) ou impropriamente (inautenticamente), permanecendo, assim, permanentemente aberto.

### **O existencial ser-para-a-morte A morte e o impessoal**

Meditando atenciosamente os textos heideggerianos sobre a temática do *das Man* ou do impessoal percebemos que nela a questão da morte não aparece como um dos momentos essenciais ou como um dos existenciais da pre-sença e, assim, da reflexão filosófica; muito pelo contrário, nela encontramos a tendência de distanciamento da mesma. A morte não é vista na perspectiva de ser um existencial do *Dasein*, ou seja, ela não está incluída entre os caracteres ontológicos essenciais da pre-sença, assim que seria vista como possibilidade irremissível do ser próprio de cada um. Consequentemente, no âmbito do *das Man* ou do impessoal a morte nunca é assumida como possibilidade própria, nele o ser humano somente morre, ou melhor, ‘morre-se’. Como diz Heidegger (1997, p. 35): “A análise desse ‘morre-se’ impessoal desentranha-se, inequivocamente, o modo do ser-para-a-morte cotidiano”. Aqui o fenômeno da morte teria a ver com todo mundo; e se ela é vista assim, consequentemente ela não teria a ver com ‘ninguém’. Como sabemos, o “impessoal é o *ninguém*” (HEIDEGGER, 1997, p. 35); desta forma, neste âmbito, ela “nivela-se a uma ocorrência que, embora atinja a pre-sença, não pertence propriamente a ninguém. (HEIDEGGER, 1997, p. 35). Como tal ela permanece na não surpresa característica de tudo aquilo que vem ao encontro na cotidianidade. O *Dasein* não supera aqui a ambiguidade de sentido, ele é incapaz de assumir com responsabilidade perante aquilo que tornaria o seu ser mais próprio. Se a pre-sença experimenta o seu *ser-para-a-morte* na angústia, cotidianamente ela se encontra decadente e dele foge.

O impessoal encobre o que há de característico na certeza da morte, ou seja, *o fato de ser possível a cada momento*. Junto da certeza da morte, dá-se a indeterminação de seu quando. [...] A indeterminação da morte certa determina as ocupações cotidianas, colocando-lhes à frente as urgências e possibilidades previsíveis do cotidiano próximo. (HEIDEGGER, 1997, p. 41).

Somente na certeza da morte no seu ser o *Dasein* se eleva do nível da impropriedade para o nível da propriedade mais própria. A impropriedade da pre-sença tem a ver com o impessoal, no qual não encontramos uma compreensão adequada do sentido do ser; a propriedade, por sua vez, refere-se ao projeto existencial adequado do *Dasein* no seu ser-no-mundo como um ser para um fim, como um ser-para-a-morte.

### **Ser-para-a-morte como propriedade do *Dasein***

No impessoal a morte não surge como um dos momentos essenciais do *Dasein*; nele se exclui a questão do ser-si-mesmo ou a questão da morte como possibilidade mais própria. Nos defrontamos aqui com uma das particularidades próprias da reflexão de Heidegger sobre a morte: o ser-para-a-morte é uma possibilidade da pre-sença, na verdade, uma *possibilidade privilegiada*. E o ser dessa possibilidade privilegiada está relacionado a uma antecipação. Estando consciente desta compreensão de possibilidade o *Dasein* engrandece a possibilidade de todo possível.

O ser-para-a-morte é antecipação do poder-ser de um ente cujo modo de ser é, em si mesmo um antecipar. Ao desentranhar uma antecipação esse poder-ser, a pre-sença se abre para si mesma, no tocante à sua extrema possibilidade. Projetar-se para seu poder-ser mais próprio significa, contudo: poder se compreender no ser de um ente assim desentranhado: existir. A antecipação comprova-se como possibilidade de compreender seu poder-ser mais próprio e extremo, ou seja, enquanto possibilidade de existir em sentido próprio. (HEIDEGGER, 1997, p. 46).

Para Heidegger, a morte tem a ver com a possibilidade mais própria e autêntica do *Dasein*; ela é capaz de antecipar existencialmente à pre-sença sua totalidade, tornando-a singular, de modo que todo ser-junto a uma ocupação e todo ser-com os outros falha quando se trata de seu poder-ser mais próprio, ou seja, da própria morte; a pre-sença só pode ser propriamente ela mesma quando ela mesma dá a si essa possibilidade, a possibilidade de antecipar plena e existencialmente a própria morte. Além disso, a morte possui também a característica de ser insuperável; desta forma, a possibilidade da morte seria entre todas as possibilidades aquela propriedade para além da qual nada mais seria possível, ou dito com outras palavras, ela seria a “possibilidade da impossibilidade de qualquer outra possibilidade, a possibilidade pura e simples impossibilidade da [pre-sença]”. (VATTIMO, 1989, p. 50). Aqui a possibilidade passa a ser única e autêntica para cada *Dasein*.

[...] nesta base revela-se a função que a morte tem em constituir o *Dasein* como um todo, no único sentido em que o *Dasein* pode ser um todo (que é, em última instância, o sentido de uma totalidade historicamente coerente e em devir. Efetivamente, a morte, como possibilidade da impossibilidade de toda a possibilidade, longe de fechar o [*Dasein*], abre-o às suas possibilidades da maneira mais autêntica. (VATTIMO, 1989, p. 51).

Na antecipação da própria morte a pre-sença abandona o âmbito da dispersão e da fragmentação nas diferentes possibilidades de sua existência, aumentando a concentração ou a responsabilidade para consigo mesma. Somente “ao antecipar a morte o *Dasein* tem uma história, isto é, um desenvolvimento unitário para além da fragmentação e da dispersão”. (VATTIMO, 1989, p. 52).

A morte não pertence “a ordem de gradações das evidências sobre o ser simplesmente dado” (HEIDEGGER, 1997, p. 49); sua certeza é muito mais originária e própria comparada com a certeza que temos das coisas ao nosso redor no mundo. A morte situa o *Dasein* no mundo na plena prioridade ou propriedade de sua existência. A morte somente pode ser compreendida como possibilidade pela pre-sença; somente ela é um *ser-para-a-morte*. Assim, cada um pode assumir suas próprias possibilidades e chegar à propriedade. Conseqüentemente, a análise ontológica da morte é o caminho para a compreensão da propriedade do *Dasein*.

Já que a morte é intransponível e permanece pura possibilidade, ou seja, ela é única, assim ela possibilita liberdade plena ao *Dasein*. A liberdade da qual Heidegger fala é a liberdade que se tem de morrer a *própria* morte, não se deixando influenciar pelo que os outros falam, fazem ou pensam. Parece incontestável, nesse sentido, a influência que teve o poeta alemão Rilke sobre a formação do pensamento filosófico heideggeriano quando diz: “Senhor, dê a cada um sua própria morte / a morte que surge da vida / em que cada um amou, compreendeu e quis. / Pois somos apenas casca e folha. / A grande morte que cada um traz dentro de si / é o fruto que concentra o girar de tudo”. (RILKE apud INWOOD, 2002, p. 117). Assim, a *antecipação* não apenas nos torna livre para a morte, mas inclusive para todas as possibilidades antes da morte, elas que são minhas *próprias* possibilidades, não as banalidades cotidianas ou aquelas possibilidades que o reino do impessoal me pode oferecer ou oferece. A *antecipação* nos torna uma pessoa mais consciente, completa, autossuficiente, verdadeira. A liberdade, neste sentido, tem a ver com a própria existência e independe de qualquer ‘preocupação’ com os outros. O ser-livre somente pode ser alcançado por cada um, ele é uma questão existencial única. Aqui podemos notar que a questão da própria morte tem a ver também com uma outra questão filosófica fundamental, a questão da verdade. Neste



sentido, conforme Safranski (2055, p. 35), Heidegger altera a sentença bíblica *E a verdade vos libertará*; o certo seria dizer que *A liberdade tornar-vos-á verdadeiros*.

Resumidamente poderíamos dizer que Heidegger concebe a questão do ser-para-a-morte na obra *Ser e Tempo* como a possibilidade mais própria da pre-sença. Cada pre-sença encontra na morte o sentido mais próprio da sua existência. No ser-para-a-morte a existência humana individual atinge seu sentido mais pleno de ser-no-mundo.

### **A angústia como abertura privilegiada do *Dasein***

Na obra *Ser e Tempo* a *angústia* exerce um papel importante, pois ela é, segundo Heidegger, uma das disposições fundamentais do *Dasein*. Na angústia a pre-sença abandona seus afazeres usuais e é reduzida ao seu ser mais próprio, ao simples poder-ser: “a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o *ser-livre para* a liberdade de assumir e escolher a si mesmo”. (HEIDEGGER, 2002, p. 252). Na angústia há uma superação de um compreensão ordinária da existência, de uma compreensão dependente do impessoal. Como podemos notar, a angústia singulariza o *Dasein* no seu ser-no-mundo; e se relacionarmos a angústia com o existencial ser-para-a-morte, assim ela dá sustentação à pre-sença no seu poder-ser-mais-próprio. Ao assumir a própria morte, tudo começa a ‘despencar’ ao redor do *Dasein*, e é aqui que a angústia é com seu poder de nulificação de todos os projetos.

Conforme Inwood (2002, p. 8), a angústia (*Angst*) “possui dois efeitos contrários:

1. *Angst* constante e implícita faz com que fujamos de nós mesmos e nos refugiemos em ou ‘decaímos para’ coisas familiares e intramundanas.
2. *Angst* ocasional e explícita nos tira do familiar e descobre o puro *Dasein* e seu mundo vazio”. A angústia, no segundo sentido, lança a pre-sença num estado de indeterminação, faz com que tudo ao seu redor se torne estranho (*un-heimlich*), como se ela estivesse *fora da própria casa*, da sua economia de conforto. Assim “O mundo perde sua importância, aparece como ‘isso’ nu sobre o pano de fundo do nada, e o próprio *Dasein* sente-se exilado, não protegido, nem conduzido por nenhum sentido objetivo”. (SAFRANSKI, 2005, p. 204). Mas o que resta, finalmente, depois que o *Dasein* passou pela angústia, pela profunda experiência do nada no seu ser-no-mundo? Simplesmente o nada? O que resta é o “ser-livre para a liberdade do escolher-a-si mesmo e do aprender-a-si-mesmo. Na angústia pois o *Dasein* experimenta a estranheza (*Unheimlichkeit*) do mundo e da própria liberdade”. (SAFRANSKI, 2005, p. 192-193). Quando o *Dasein* vive na consciência da própria morte, em vez de perder-se nos seus planos e projetos diários, ele se angustia; mas, segundo Heidegger, ao angustiar-se, ele torna sua

existência uma existência livre. ‘Quem’ realmente possibilita ao *Dasein* a verdadeira compreensão de liberdade, do poder-ser mais próprio é a angústia como experiência de nulidade de todos nossos projetos existenciais.

Como afirma Giles (1989, p. 106), o *Dasein*

[...] deve viver com os olhos cheios da certeza e da soberania da morte de todo significado, de toda validez, além do fugaz e do temporal, pois, como Nietzsche insistiu, Deus morreu, e os últimos vestígios da magia metafísica foram eliminados de seus substitutos, que são a moralidade objetiva, ou seja, a espiritualidade. Mas mesmo nesses casos podemos escolher, optar por criar os nossos próprios absolutos, por mais temporários, provisórios e condicionais que sejam. Esses absolutos serão determinados pelo quadro de nossas circunstâncias, pessoais e sociais. Ao menos assim, seremos uma existência autêntica, seremos Indivíduos e não mais componentes do Impessoal. Então teremos aceito nosso nada original e final para dele fazer algo.

Ao admitir a possibilidade da própria morte o *Dasein* torna sua decisão uma decisão profunda e existencial; nela está tomada a decisão à liberdade do poder-ser pleno da existência do *Dasein*, ou seja, do seu ser-para-a-morte ou do seu modo de ser mais próprio.

## Considerações finais

Nossa pesquisa teve como meta principal expor acerca do conceito *ser-para-a- morte* como ser mais próprio do *Dasein* na obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. Na referida obra, o pensador alemão apresenta-nos seu modo particular de filosofar, transformando o movimento fenomenológico numa hermenêutica do *Dasein*.

Em primeiro lugar, analisamos a questão do ser que, segundo Heidegger, na tradição filosófica ocidental caiu no esquecimento. Para o filósofo, todas as ontologias apresentadas de Platão até Hegel sempre se aproximaram do ser como objeto, consideraram, na verdade, o ente como o ser. A crítica heideggeriana à metafísica tradicional, conduziu à constatação da necessidade de se desenvolver uma ontologia fundamental, na qual se pudesse recolocar novamente a questão do ser de forma correta.

Em seguida, elucidamos no nosso trabalho a analítica existencial heideggeriana: a elucidação da questão do ser e do seu sentido pressupõe a análise do ente dotado do modo de ser do *Dasein*. Neste sentido foram reveladas as estruturas próprias do *Dasein* como existência no seu ser-no-mundo. Uma dessas estruturas determinantes do *Dasein* apresentadas foi a da *compreensão*, de modo que a questão do ser mostrou-se como “uma radicalização de uma tendência ontológica essencial, própria da pre-sença, a saber, a compreensão pré-ontológica do ser” (HEIDEGGER, 2002, p. 41). Na nossa análise oferecemos ainda uma resposta à questão do *quem* da pre-sença no modo cotidiano de ser, ou seja, o cotidiano (*das Man*). Assim pudemos constatar que a ontologia fundamental possibilita a compreensão dos diversos existenciais ou modos de existir, os quais estão na base da compreensão do ser que o *Dasein* realiza e no fundamento da compreensão própria deste ente, pois, na compreensão das próprias possibilidades de ser o *Dasein* organiza seu ser-no-mundo. Entretanto, mesmo que a pre-sença compreenda a si nas próprias possibilidades de sua existência, ela desvia-se, segundo Heidegger, quase sempre da compreensão de si como um ser para um fim, como um ser-para-a-morte.

Por fim, apresentamos na nossa pesquisa a questão do ser-para-a-morte como ser mais próprio do *Dasein*. Tratamos a questão de como a morte é vista a partir do impessoal; em seguida vimos a questão na perspectiva de um projeto de ser-para-a-morte em sentido próprio, isto é, como *propriedade* do *Dasein*; depois refletimos sobre a liberdade de existir na possibilidade da morte como decisão da pre-sença; finalizamos refletindo sobre a angústia como disposição fundamental do ser-para-a-morte.

Se a reflexão crítica é uma atitude essencial da filosofia, foi neste sentido que efetuamos nossa pesquisa acerca do fenômeno da morte na existência humana no palco do mundo com a ajuda da obra *Ser e Tempo* de Heidegger. Aprendemos com o filósofo alemão que a questão da morte deve ser sempre compreendida como fenômeno do meu próprio morrer. Cada um no seu ser-no-mundo é um ser-para-a-morte. Sou finito e morro só. Para Heidegger, cada um se encontra *só* no mundo com relação à questão decisiva da própria existência, à questão da própria morte; e é isso como possibilidade que faz com que cada *Dasein* seja único, autêntico, livre à verdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBOIS, C. **Heidegger: introdução a uma leitura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

GADAMER, H.-G. **Verdade e Método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2014.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Parte II. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Kant und das Problem der Metaphysik**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1991.

HERMANN, N. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LÉVINAS, E. **Ética e Infinito**. Diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1988.

MACDOWELL, J. A. **A gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SAFRANSKI, R. **Heidegger. Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Geração editorial, 2005.

STEIN, E. **Seis estudos sobre “Ser e Tempo” (Martin Heidegger)**. Petrópolis: Vozes, 1988. Ed. Unijuí, 2006.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1989.

## **Apreciação do orientador**

O aluno correspondeu a todas as exigências de uma orientação de trabalho de iniciação científica: fez o levantamento bibliográfico necessário, tanto em relação aos textos indicados pelo orientador, quanto aos consultados por livre iniciativa.

Os textos foram lidos e discutidos com o orientador, permitindo esclarecimento dos procedimentos metodológicos do autor pesquisado, como também a compreensão das principais categorias atinentes à pesquisa.

Se fez presente em todos os encontros de orientações agendados e participou da redação dos relatórios parcial e final, de modo que o orientador pode avaliar o nível de compreensão do aluno e orientar quais os aspectos do pensamento de Heidegger precisavam ser melhor analisados.

As principais dificuldades foram relacionadas à redação dos relatórios e a compreensão das categorias heideggerianas de sua ontologia fundamental. Porém, as dificuldades foram superadas e a pesquisa pode ser desenvolvida a contento.

## **Produção científica**

A produção científica limitou-se à construção dos relatórios que serão tomados como base para construção do TCC quando da conclusão da sua Graduação em Filosofia, e as devidas apresentações na Semana de Iniciação Científica da UEPB.